

Proposta de Dante provocará crise rural

auc *OES* 17-05-87

SÉRGIO CARDOSO DE ALMEIDA

Uma proposta subversiva, atentatória à propriedade rural, acaba de ser formulada pelo ministro da Reforma Agrária, Dante de Oliveira, como sugestão à Constituinte: criar o módulo máximo de propriedade agrícola. Essa proposta é um desserviço ao governo Sarney e já provoca nova crise entre os empresários rurais com tendência a paralisar novos investimentos, certamente acarretando redução das atividades industriais, comerciais e até da arrecadação de impostos para o governo. Isso acontece ao mesmo tempo em que o Brasil colhe a maior safra de grãos de sua história e os cafeicultores se preparam para uma das mais volumosas colheitas dos últimos anos. As dificuldades de comercialização e transporte estão aí e também de armazenagem. Precisamos, sim, de planos positivos para garantir a permanência dos empresários na agricultura, pois somente através da livre empresa o País poderá continuar com sua produção agrícola em marcha ascendente. O governo Sarney — em meio a crises financeiras, políticas e morais terríveis — deveria, ao menos, contar com o empenho de seus ministros para salvar o mínimo de respeitabilidade que ainda lhe resta. Ao invés de tumultuar os meios produtivos — conforme exemplo do titular do Ministério da Reforma Agrária — eles deveriam trabalhar com competência, patriotismo e alheios aos programas ideológicos contrários ao nosso progresso e desenvolvimento.

Deveria o presidente Sarney, diante de proposta tão esdrúxula, exonerar o chefe do ministério antes que o desânimo provoque redução perigosa nas atividades rurais, com inevitáveis reflexos no aumento da inflação e, conseqüentemente, carestia. É incrível, num país com 8.511.985 Km², se pretendia colibir o progresso das grandes organizações na agricultura quando o exemplo dos EUA recomenda liberdade total no que concerne à dimensão das áreas rurais.

A reforma agrária — responsável por tanto absurdos, notadamente nas regiões onde criou agrorivas e forçou assentamentos — acabou conquistando a triste liderança das últimas estatísticas sobre a fome no Brasil. Pela falta de recursos e pela ação da Justiça preservando a empresa rural, ela ainda tem se constituído num

mal crônico. Agora, para complicar, ainda surge essa proposta destruidora de Dante de Oliveira deixando o nosso país na iminência de tornar-se irreversivelmente miserável e totalmente desorganizado, bem de acordo com aqueles que querem destruir o regime democrático.

Exemplos históricos

Talvez ainda haja tempo de o sr. ministro Dante de Oliveira e a Constituinte aquilatarem o perigo que o brasileiro corre remando contra a maré do progresso representado pela livre empresa no campo. A história e os exemplos de outros países estão aí para dar-nos lições.

Os EUA, em 1929, possuíam ao redor de 6.200.000 propriedades no campo e, em 1983, esse número diminuiu para 2.200.000, sendo de se notar que 10% dessas últimas respondem por mais de 50% da produção. Pelas leis da 1ª Douma, a Rússia Tzarista fez reforma agrária em 1908, distribuindo grande parte do seu solo para o povo em pequenos lotes, sendo o resultado um fracasso. Na década de 30 Stalin liquidou essa experiência frustrada promovendo incríveis execuções de milhões de sítiantes para adequar o país aos princípios das maiores organizações preconizadas por Marx-Engels. A União Soviética segue, na sua agricultura, o que esses dois teóricos recomendaram: "que a técnica e a agronomia modernas fazem da grande exploração a forma superior da agricultura como da indústria e somente essa forma permite a utilização plena das forças de produção modernas". Condenam eles a pequena exploração camponesa "que representa um resto de barbárie condenada a desaparecer, pois sua produção é artificial e garvosa para alimentar o povo".

Che Guevara, quando ministro do governo Fidel Castro, escreveu que o comunismo, para se instalar em Cuba, não teve problemas maiores, porque a maioria das empresas agrícolas, lá existentes, era muito bem conduzida pelo sistema capitalista bastando-lhe trocar o patrão pelo gerente nomeado pelo Estado. Acrescentou que Cuba, ao contrário de outros países comunistas, não teve de passar pelo processo de dividir a terra com todas as desvantagens e miséria subsequentes. Isto, evidentemente, até quando a efetiva implantação do comunismo resulta na criação das grandes organizações agrícolas recomendadas pelos luminares marxistas. O

México, apesar de exportar petróleo, é um dos maiores importadores de alimentos, razão maior de sua fraqueza econômica. Isso acontece porque, depois de várias reformas agrárias distributivas, extinguiu a empresa agrícola adotando módulos máximos para a propriedade. Essas reformas agrárias mexicanas não evitaram que sua capital se tornasse a maior favela de gente miserável que veio do campo — ao lado de uma enorme exportação de mão-de-obra volante para os EUA — por absoluta falta de trabalho e recursos.

O que o ministro deveria demonstrar à Constituinte é a falsidade do argumento de que dividir terras melhora a vida do País. A produção e área da empresa devem transparecer o trabalho, o talento e o amor à terra do empresário. Nos grandes países do mundo livre isso acontece. Por essa razão, EUA, Canadá e Austrália situam-se entre os maiores países exportadores agrícolas. Os maiores importadores, por outro lado, são a Rússia, a China Comunista, o México e o Egito, justamente os que sempre intrometeram o Estado na economia agrícola. Só com liberdade de empreender é possível alcançar altos índices de produção e produtividade; divisão de terras ou limitação de áreas só podem mesmo representar retrocesso.

Nos países comunistas que seguem, como a União Soviética, o estatismo, a produção é menor do que nos países livres, pela menor eficiência na condução empresarial; mesmo lá, entretanto, não se admite o parcelamento da terra porque nem sequer conseguiriam alimentar suas próprias populações. Como Marx e Engels proclamaram, modular áreas e dividir terras é assunto ultrapassado, para não dizer imbecível e destrutivo da produção. Tanto é verdade que não é aplicado nem no mundo capitalista e nem na economia soviética.

A Constituinte brasileira precisa reconhecer que o Brasil necessita é de produção cada vez maior no campo para alimentar melhor o seu povo e exportar. Demagogia e insensatez vão nos levar a ruína. No Brasil convivem, trabalham e prosperam pequenos, médios e grandes empresários agrícolas, livres e decididos, muitos pequenos se tornam grandes e muitos pequenos, conforme a densidade econômica de sua produção, são grandes produtores, como acontece no setor hortifrutigranjeiro.